

**A Noção de Sujeito em Pêcheux:
uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação**

La Notion du Sujet en Pêcheux: une Réflexion sur Le Mouvement de Desidentification

Evandra GRIGOLETTO*

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (Unisinos)

RESUMO

A proposta deste ensaio está centrada na reflexão acerca da noção de sujeito na obra de Pêcheux. Dentre as formulações de Pêcheux acerca desta noção, este trabalho enfoca o movimento de desidentificação entre o que ele chamou de sujeito universal e sujeito da enunciação. Procuro, portanto, apontar, com base na leitura de **Les Vérités de la Palice**, possibilidades de pensar a ruptura da forma-sujeito nesse movimento.

PALAVRAS-CHAVE

Sujeito. Desidentificação. Sentido. Ideologia.

RÉSUMÉ

*La proposition dans cet essai est centrée dans la réflexion sur la notion de sujet dans l'oeuvre de Pêcheux. Parmi les formulations de Pêcheux sur cette notion, ce travail caractérise le mouvement de desidentification entre le sujet universel et le sujet de la énonciation. Je recherche, donc, pointer, à partir de la lecture de **Les Vérités de la Palice**, possibilités pour penser la rupture de la forme-sujet dans ce mouvement.*

MOTS-CLÉS

Sujet. Desidentification. Sens. Idéologie.

* Sobre a autora ver página 67.

O presente ensaio explora a noção de sujeito em Pêcheux, um dos filósofos da linguagem que vive a crise epistemológica da Lingüística na década de 60, enfocando uma de suas obras mais importantes: **Les Verités de la Palice**, de 1975, traduzida e publicada em português em 1988, com o título **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Nesse texto, Pêcheux nos mostra toda a genialidade de seu pensamento como filósofo da linguagem, entendendo-a como uma prática que se relaciona com outras práticas, como é o caso das práticas política e científica. Traz, assim, para o interior da lingüística, mais especificamente da semântica, reflexões do Marxismo e da Psicanálise, entre outras, o que rompe com a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, vigente até então no interior da lingüística estrutural. O ideológico e o inconsciente, a partir de Pêcheux, não podem mais ser pensados como elementos “residuais” da linguagem, mas como elementos constitutivos de todo e qualquer discurso e, conseqüentemente, de todo sujeito. Portanto, também o sujeito passa a ser considerado elemento constitutivo da linguagem. Assim, a teoria do discurso, cunhada por Pêcheux, promove uma ruptura no interior da Lingüística, trabalhando a intervenção de conceitos exteriores ao domínio estritamente lingüístico. E essa ruptura está diretamente relacionada com a noção de sujeito que Pêcheux propõe para o quadro teórico da Análise de Discurso (AD). Mas, afinal, como é esse sujeito do discurso?

É com o objetivo de responder a esse questionamento que desenvolvo a presente reflexão, enfocando a discussão acerca da *terceira modalidade discursiva do funcionamento subjetivo*, trabalhada por Pêcheux em **Les verités de la Palice**. Assim, lanço o meu olhar sobretudo para o campo da *produção dos conhecimentos científicos*,

explorando um viés que se relaciona com a *produção política*, que, por sua vez, está relacionada com os saberes *marxista-leninistas*, tão bem explorados por Pêcheux nesta e em outras obras suas. A partir, então, dessa terceira modalidade discursiva, busco estabelecer relações com outros conceitos, apresentados por Pêcheux nessa obra, como é o caso da *ideologia, da apropriação subjetiva* e do próprio conceito de ciência.

Partindo do pressuposto de que *toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas* (PÊCHEUX, 1975, p. 213) e de que *não existe prática sem sujeito*, Pêcheux, em **Les verités de la Palice**, apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito universal*, apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na *forma-sujeito*. Pêcheux relaciona a *forma-sujeito* com o sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva (FD).

Assim, é pelo viés da *forma-sujeito* que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se (des)identifica e que o constitui sujeito. Ao realizar o movimento de *incorporação-dissimulação* dos saberes que circulam no interdiscurso, pelo viés da *forma-sujeito*, é que o sujeito do discurso vai produzir o efeito de unidade, de evidência. Em relação a essa primeira modalidade, cabe destacar que ela só acontece pelo viés da reprodução dos saberes que dominam a *forma-sujeito*. Já, na segunda, abre-se espaço para a diferença, para a contradição, o que aponta para diferentes posições sujeito no interior de uma mesma Formação Discursiva, conforme o que se concebe, atualmente, no quadro teórico da Teoria do Discurso.

Segundo Pêcheux (1975), a terceira modalidade, que é o meu foco de interesse, é *subjetiva* e *discursiva*, caracterizada pelo fato de que ela

integra o efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito, efeito esse que toma a forma de uma *desidentificação*, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva (PÊCHEUX, 1975, p. 217).

Isso significa que a prática política não pode ser pensada como um elemento incompatível com a prática científica. Pelo contrário, sob a perspectiva de uma teoria materialista do discurso, Pêcheux nos apresenta uma leitura crítica das questões epistemológicas, apontando para o fato de que a “história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes” (PÊCHEUX, 1975, p. 190). Ou seja, a prática científica não está segmentada da prática política e vice-versa. Ambas são determinadas pelas condições sócio-históricas e ideológicas de uma dada formação social. Enfim, é na tentativa de pensar a articulação entre essas duas práticas e os efeitos de sentido que tal articulação produz que Pêcheux propõe essa terceira modalidade, a qual também está relacionada à concepção de ciência que ele defende desde os seus primeiros trabalhos.

Pêcheux nos mostra, ao longo de **Les verités de la Palice**, que a descontinuidade ciências/ideologia é um mito, o qual propõe a lógica como núcleo da ciência e, conseqüentemente, uma língua logicamente perfeita e um sujeito independente, que pensa livremente. Concepções estas que vão, justamente, de encontro a uma teoria materialista do discurso, proposta por Pêcheux nesta obra. O funcionamento lógico-lingüístico, segundo o autor, realiza o acobertamento ideológico dessa descontinuidade, simulando-a ideologicamente. Portanto, a oposição ciência/ideologia só acontece pelo viés da simulação, assim como a unidade do sujeito e a evidência do sentido. Cabe lembrar que, para o autor, as ideologias não são idéias nem têm sua origem nos sujeitos, mas são

forças materiais que *constituem os indivíduos em sujeitos*. Assim, a evidência do sujeito é somente um efeito ideológico, pois o indivíduo é *sempre-já-sujeito*.

Como a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se dá pela identificação do sujeito com a FD que o domina, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Portanto, também não se pode afirmar que haja *discurso científico puro*, sem ligação com alguma ideologia. Por isso, segundo Pêcheux (1975), toda ruptura epistemológica exhibe e põe em discussão os efeitos da *forma-sujeito*. Essa concepção de ciência como uma prática social/discursiva, que não está destituída nem do sujeito nem da ideologia, já é apontada por Pêcheux em seus primeiros textos e perpassa toda a sua reflexão teórica. Em 1967, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, em **Remarques pour une théorie générale des idéologies**,¹ Pêcheux já afirmava que “toda a ciência é inicialmente ciência da ideologia” (PÊCHEUX, 1975, p. 64).

Busquei mostrar essa relação entre ciência e ideologia, justamente para destacar o funcionamento das práticas políticas e científicas como campos complementares; e também para melhor situar o desdobramento da terceira modalidade subjetiva do sujeito que está inserido nessas práticas.

Pêcheux (1975) afirma que essa “terceira modalidade” constitui um trabalho (de transformação-deslocamento) da forma-sujeito e sua pura e simples anulação. Em outros termos, esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um *processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de “tipo novo”* (PÊCHEUX, 1975, p. 217).

O autor nos remete a esse trabalho de *transformação/deslocamento da forma-sujeito*, porque, nessa terceira modalidade, diferente da primeira e da segunda, o sujeito, ao se relacionar com a *forma-sujeito* que o domina, produz um movimento

¹ Texto discutido no segundo artigo desse volume por Carolina Rodríguez-Alcalá.

de desidentificação, o que significa que ele pode romper com a Formação Discursiva em que se inscreveu e, conseqüentemente, se identificar com outra FD e sua respectiva *forma-sujeito*. No entanto, isso não significa que o sujeito não é mais interpelado pela ideologia. Segundo Pêcheux (1975), a interpelação ideológica continua a funcionar, de certo modo, às avessas, isto é, contra e sobre si mesma, dando sustentação a uma prática nova, já que os saberes que compreendem uma determinada *forma-sujeito* não respondem mais à *necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção* (ZANDWAIS, 2003). Eis o deslocamento, a transformação da *forma-sujeito* que se produz como efeito do deslocamento de saberes, os quais passam a (re)configurar as fronteiras da nova FD em que se inscrevem, via interdiscurso.

Na conclusão de **Les vérités de la Palice**, Pêcheux retoma esta questão da forma-sujeito e suas modalidades de subjetivação. Afirma que

[...] é na *forma-sujeito do discurso*, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, que se realiza o *non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira*, isto é, de que “eu sou realmente eu” (PÊCHEUX, 1975, p. 266).

Ou seja, o sujeito tem a ilusão de controle do dizer e, por sua vez, do sentido, sob o efeito de um lugar social, construído pela “norma identificadora” da sociedade para cada indivíduo. Em relação ao movimento de desidentificação, que se dá sob o efeito paradoxal do processo sem sujeito do conhecimento (sujeito da ciência), como questionamento no interior da *forma-sujeito*, Pêcheux (1975) pontua que ele

se efetua, paradoxalmente, no sujeito, por um processo subjetivo de apropriação dos

conceitos científicos [representação da necessidade-real na necessidade-pensada], processo no qual a interpelação ideológica continua a funcionar, mas, por assim dizer, contra si mesma” (PÊCHEUX, 1975, p. 270).

Sendo assim, a apropriação subjetiva do real diz respeito não somente às condições (ideológico-práticas) da produção dos conhecimentos científicos em geral, mas também e, sobretudo, às condições ideológicas e políticas. Aqui, mais uma vez, ao autor reforça a concepção de que prática política e prática científica não podem ser pensadas separadamente e de que o sujeito do discurso, mesmo no processo de desidentificação, continua interpelado ideologicamente, não possuindo total domínio sobre o seu dizer.

Após ter pontuado as conclusões de Pêcheux, a partir das questões que me propus a desenvolver, penso que se torna fundamental fazer referência ao anexo III deste trabalho, **Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação**,² onde Pêcheux (1978) propõe uma retificação justamente acerca do processo de desidentificação. Vamos a ela:

Pêcheux, no texto já mencionado, afirma que, em **Les vérités de la Palice**, ele delinea o fantasma de um estranho sujeito materialista que efetua a “apropriação subjetiva da política do proletariado”. Diz ele:

frente ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que faz com que cada um diga “sou eu”!, eu me apoiava em uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado (PÊCHEUX, 1975, p. 298-199).

² Texto discutido por Nina Virginia de Araújo Leite no artigo 8.

Daí resultava, a seguinte sucessão teórica: 1) o mecanismo ideológico da interpelação-assujeitamento; 2) o apagamento (“esquecimento”) de qualquer traço detectável desse mecanismo no sujeito pleno que nele se encontra produzido; e 3) a rememoração teórica de tal mecanismo e de seu apagamento, em uma espécie de anamnésia de porte marxista-leninista da qual resultava a noção de “apropriação subjetiva” a título de efeito prático. Por fim, Pêcheux destaca que isso remetia a um “retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática” (PÊCHEUX, 1975, p. 299). Frente a esta auto-crítica, parece-me, num primeiro momento, que Pêcheux tenta “desmontar” a terceira modalidade subjetiva do sujeito e, com ela, o processo de desidentificação do sujeito enunciador com o sujeito universal, num trabalho *na e sobre a forma-sujeito*.

No entanto, ao examinarmos mais atentamente esse texto de Pêcheux, podemos perceber que esta retificação recai, sobretudo, sobre a questão do sujeito pleno – ainda que só ao produzir o movimento da desidentificação – o que remete a um sujeito consciente, com determinada liberdade sobre suas escolhas, como é o caso da apropriação subjetiva. Assim, o que pode ter falhado na proposta de Pêcheux sobre a terceira modalidade de subjetivação do sujeito foi o próprio inconsciente, isto é, a constatação de que, mesmo o sujeito se desidentificando com os saberes da FD que o domina, ele continua afetado pelo inconsciente e determinado pela ideologia. Ou seja, o sujeito não se torna livre, mesmo nesse processo de desidentificação. O que ocorre é o deslocamento de uma *forma-sujeito* para outra, isto é, ele se desidentifica com determinados saberes, mas imediatamente identifica-se com outros, inscrevendo-se numa nova *forma-sujeito* e, conseqüentemente, numa nova FD, o que não supõe o “apagamento” total dos saberes com os quais ele está se desidentificando. Isto é, o que é

anterior, continua ressoando, fazendo eco nessa nova *forma-sujeito* na qual o sujeito se inscreveu e que também está determinada social, histórica e ideologicamente. Não fosse assim, a noção de memória discursiva e de historicidade não produziriam efeitos no interior da teoria do discurso. Então, o próprio movimento de desidentificação já supõe a determinação do sujeito por outra FD que o domina, na qual continuam a ressoar os saberes anteriores, ainda que pelo viés do esquecimento, do recalque. Isso, talvez, explique a autocrítica de Pêcheux de que havia, em sua proposta, “um primado da teoria sobre a prática”. Ora, tudo isso que destaquei – memória, historicidade, ideologia, inconsciente, saberes que continuam a ressoar – é da ordem da prática. E de uma prática que não está dissociada da teoria, mas, ao contrário, é atravessada/se atravessa pela/na prática.

Diante do exposto, pergunto se o próprio Pêcheux não foi muito radical na sua autocrítica? Será que, realmente, podemos afirmar que não pode haver ruptura no processo das identificações imaginárias?! E o que dizer da proposta de retificação do termo “desidentificação”, mantendo apenas a *disjunção* entre o sujeito e o ego, mencionada por Pêcheux em uma nota desse anexo?

Com o avanço de algumas noções teóricas dentro da teoria materialista do discurso, é possível pensar, a partir de Courtine (1981), por exemplo, a noção de FD numa outra perspectiva. Já não se trata de um todo complexo com dominante, mas de uma FD com fronteiras instáveis, onde é possível a reconfiguração, a transformação e, por que não, a ruptura. Quando acontece a desidentificação dos saberes do sujeito universal com o sujeito enunciador, é porque houve a transformação da *forma-sujeito* com a FD que o dominava, como nos mostra Zandwais (2003), em suas análises sobre o discurso de Lênin após a Revolução Bolchevique, no artigo

A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. Neste artigo, Zandwais nos mostra a modalidade de desidentificação do sujeito funcionando discursivamente sob o efeito da reprodução. Isto é, mesmo quando há transformação/deslocamento dos saberes de uma determinada prática, há, simultaneamente, o efeito da reprodução. Assim, segundo a autora, “o ideal da prática política revolucionária torna-se infalivelmente sempre um ideal inacabado” (ZANDWAIS, 2003), e, eu acrescentaria, assim como o ideal de ciência régia, perfeita, sem falhas nem equívocos também é um ideal inacabado, como bem nos mostra Pêcheux.

O próprio Pêcheux, ao trabalhar com a noção de acontecimento discursivo, em um de seus últimos textos, **O discurso: estrutura ou acontecimento**, também mobiliza a questão da ruptura dos saberes de um campo a outro, isto é, os saberes que circulavam em uma determinada

FD passam a circular em outra, com outro sentido. Assim, a pergunta que fica é: Se há ruptura da FD, não há também a ruptura da *forma-sujeito*? E ruptura significa apagamento de determinados saberes?

Eu arriscaria concluir esse ensaio dizendo que é possível sim pensarmos numa ruptura da *forma-sujeito*, no entanto, essa ruptura não significa o apagamento de saberes que circulavam e eram dominantes na *forma-sujeito* anterior. Tais saberes ficam recalcados e podem “retornar” em determinados movimentos do sujeito, ainda que sempre produzindo novos sentidos. Então, o que rompe são os sentidos e não, necessariamente, os saberes.

Enfim, considerando os movimentos que Pêcheux fez em **Les vérités de la Palice**, dentre os quais procurei destacar os da terceira modalidade subjetiva, podemos afirmar que esta obra de Pêcheux é um belo exemplo de como podemos pensar a contradição, a ruptura no interior da teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, Paris: Larrouse, n. 62, p. 9-127, 1981.

HERBERT, T. (M. PÊCHEUX). Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. Tradução de Carolina Rodríguez-Alcalá. **Rua**, n. 1. Campinas: Nudetri; Unicamp, 1994. p. 63-89. Edição Original: 1967.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. 317 p. Edição original: 1975.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997. 68 p. Tradução original, 1983.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, Anexo III, p. 293-307. Edição original: 1978.

ZANDWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: SEMINÁRIO DO DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2003. p. 9-18.

Porto Alegre, maio de 2005³.

³ Uma versão modificada deste ensaio foi apresentada no I Seminário de Estudos em Análise de Discurso (I SEAD), realizado em Porto Alegre, em novembro de 2003.

SOBRE A AUTORA

Evandra GRIGOLETTO é doutora em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS e professora na Unisinos. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso (CNPq/FURG) Autora de vários artigos publicados em revistas, entre os quais *A imagem do padre comum e o fenômeno Marcelo Rossi: um jogo discursivo*, *A mídia a serviço da religião: o entrelaçamento de vozes no discurso da Renovação Carismática Católica*, *Da homogeneidade à heterogeneidade discursiva: reflexões sobre o funcionamento do discurso-outro*, *As Relações de Poder da Mídia e a Constituição da Identidade do Sujeito-Jornalista no Discurso de Divulgação Científica*, *As interfaces entre ciência e religião: um olhar discursivo*, *A presença/ausência do autor no discurso da ciência da computação e a construção de sua identidade*. Autora do livro *Sob o Rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica*.